

Introdução

Alberto Pena-Rodríguez & António Hohlfeldt

Este livro reúne um conjunto de textos que abordam o fenómeno do jornalismo português no estrangeiro (fora do que são hoje as fronteiras do Portugal moderno) ao longo da história, em vários contextos geográficos e culturais. Através de diferentes metodologias de natureza interdisciplinar, são analisados múltiplos aspectos do itinerário profissional de jornalistas, editores ou directores de meios de comunicação, formatos e conteúdos narrativos, bem como outros aspectos relacionados com a sua influência socioeconómica, política, cultural e mesmo educativa em diversos lugares. É, portanto, uma abordagem da história do jornalismo lusófono no mundo concebida de forma aberta e transversal, abrangendo quatro grandes áreas continentais (América, Europa, África e Ásia) a partir de abordagens que contemplam o fenómeno tanto de perspectivas paradigmáticas ou singulares que marcaram o curso do jornalismo lusófono noutros territórios, como de uma visão diacrónica, longitudinal, panorâmica, temática, descritiva, qualitativa ou crítica sobre algumas áreas, actores ou episódios particulares da sua evolução histórica.

A análise reúne elementos da produção jornalística no império ultramarino português e de algumas das comunidades portuguesas emigradas ou exiladas mais relevantes, em países como o Brasil, Estados Unidos, França ou Inglaterra, onde os emigrantes criaram jornais ou outros meios de comunicação social que se tornaram instrumentos jornalísticos que favoreceram a coesão cultural e social. A produção de jornais e o consequente desenvolvimento de um discurso jornalístico de expressão portuguesa espalhou-se pelas colónias portuguesas em África, Ásia e Extremo Oriente, onde os colonos ou os seus descendentes fundaram dezenas de jornais, alguns dos quais marcaram a história do jornalismo nesses territórios e desempenharam um papel sócio-político particularmente importante em diferentes períodos históricos. Por seu lado, a imprensa e o jornalismo da diáspora portuguesa tem sido ao longo da história um meio eficaz de representar, apoiar, persuadir, estimular e dar sentido à situação especial dos emigrantes num ambiente deslocalizado em que a língua, o modelo político ou o modo de vida local eram, em alguns casos, alheios aos seus valores culturais.

Os periódicos fundados pelos portugueses no estrangeiro oferecem um retrato fiel de si próprios, uma autoafirmação honesta na qual mostram qual era a sua realidade política, social, linguística, cultural e económica onde viviam: O que pensavam da sua condição de imigrantes, exilados ou colonos, como viam Portugal e os seus governos, como celebravam as

suas tradições, como se relacionavam com outras comunidades e com a cultura local dominante, como defendiam os seus direitos e o seu modo de vida, como projectavam o seu sentido de pertença nacional, como observavam o que se passava à sua volta e como construía, em suma, a sua própria realidade social e o imaginário simbólico.

Os historiadores normalmente não prestam atenção ao discurso mediático das comunidades no estrangeiro como um objecto de estudo específico ou como uma fonte histórica. Geralmente, o que mais interessa neste tipo de meios de comunicação, na sua maioria impressos, é o seu valor patrimonial ou testemunhal, como parte do legado histórico de uma colectividade, sem valorizar a história singular de cada um deles e dos seus fundadores, cuja actividade profissional como comunicadores, por vezes, foi heroica.

O jornalismo da diáspora anterior à Internet e as redes digitais, divulgado principalmente através da imprensa, prestou um serviço extraordinário aos emigrantes que sentiam o afastamento ou isolamento no seu lugar de destino como uma ruptura traumática com as suas referências sociais e culturais, com a sua família e origens, numa viagem de sobrevivência cujo regresso não estava garantido. Através dos meios de comunicação na sua própria língua, os expatriados portugueses criaram um discurso que legitimava o seu itinerário de vida e fornecia um serviço de informação básica para receber notícias dos seus locais de origem, promover recursos comunitários, partilhar visões ou experiências úteis e desenvolver o seu próprio imaginário.

As narrativas informativas e os processos comunicativos que os portugueses no estrangeiro têm desenvolvido em diferentes períodos e contextos históricos, permitem-nos obter um retrato sociológico dos núcleos da população emigrante em diferentes territórios e em diversas circunstâncias, cujos relatos jornalísticos contam outra história, uma história dividida entre dois mundos unidos pela origem e pelo destino dos emigrantes ou colonos, que são deslocados para uma nova realidade, na qual, pouco a pouco, desenvolvem uma idiossincrasia especial, com uma retórica e narrativa essencialista, que é divulgada através de diferentes modelos e formatos de comunicação pública, entre o artesão e o profissional, procurando audiências não convencionais com necessidades muito específicas. Do mesmo modo, o exílio que muitos cidadãos portugueses tiveram de enfrentar em diferentes períodos históricos também produziu um tipo de jornalismo de natureza política cuja função principal era levar a cabo campanhas de propaganda para persuadir os imigrantes ou, simplesmente, projectar as suas ideias políticas no estrangeiro.

A primeira parte da obra oferece três perspectivas científicas sobre o fenómeno jornalístico português na Europa ao longo dos séculos XIX e XX. O capítulo de Luís Francisco Munaro trata do reflexo das profundas mudanças políticas do início do século XIX, no quadro do agitado confronto entre liberalismo e absolutismo no jornalismo luso-brasileiro realizado pelos exilados na capital inglesa, onde jornalistas prestigiados como Hipólito da Costa promoveram um profundo debate intelectual sobre o futuro de Portugal enquanto o Brasil alcançava a independência. Em França, onde sucessivas vagas de emigrantes e exilados

portugueses chegaram ao longo do século XX, os portugueses desenvolveram também um jornalismo muito empenhado politicamente. O trabalho de Cristina Clímaco trata em pormenor do papel da imprensa política portuguesa durante o exílio europeu entre 1927 e 1939, analisando as campanhas de comunicação realizadas por muitos exilados contra a ditadura militar e o subsequente estabelecimento do Estado Novo salazarista. Por outro lado, Víctor Pereira faz uma extensa revisão da produção jornalística no país francês desde o estabelecimento da primeira República Portuguesa em 1910 e a Revolução dos Cravos em 1974.

A segunda parte contém três abordagens sobre o jornalismo português na América, centradas nas principais comunidades portuguesas naquele continente, estabelecidas no Brasil e nos Estados Unidos. De uma interessante perspectiva de análise que estabelece uma intersecção entre Portugal, França e Brasil no final do século XIX, Tania Regina de Luca estuda a actividade jornalística do escritor português Mariano de Pina como correspondente em Paris do jornal brasileiro *Gazeta de Notícias* entre 1882 e 1886. Pela sua parte, Heloisa Paulo analisa o jornalismo político português divulgado por vários jornais publicados por emigrantes e exilados portugueses em Brasil no contexto da ditadura do Estado Novo. O seu trabalho mostra como a informação e a propaganda a favor e contra a ditadura de Salazar em várias cidades brasileiras como o Rio de Janeiro ou São Paulo, com grandes colónias de portugueses, acabou por gerar dinâmicas de agitação propagandística e de mobilização social. A visão da comunicação social portuguesa na América é completada com uma contribuição de Alberto Pena-Rodriguez sobre a função sócio-educativa do jornalismo português nos Estados Unidos, especialmente nos Estados de Massachusetts e Califórnia.

A terceira parte centra-se no jornalismo português em África e na Ásia. Em primeiro lugar, António Hohlfeldt faz um balanço historiográfico sobre o campo de estudo e sintetiza criticamente, em dois capítulos, o processo evolutivo do jornalismo nacional em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Goa e outros territórios coloniais através de jornais de língua portuguesa. Esta síntese histórica geral da produção jornalística portuguesa no império colonial é complementada com um capítulo de Isadora de Ataíde Fonseca, que aborda a relevância da chamada “esfera pública imperial”, que reproduzia um espaço público de debate e confronto político sobre questões nacionais das elites coloniais.

Por último, mas não menos importante, é abordada a influência e projecção do jornalismo português no Oriente. Nesta parte, José Augusto dos Santos Alves estuda o reflexo em periódicos portugueses orientais da política geoestratégica dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha entre 1822 e 1846. E Clara Gomes aborda o jornalismo português em Macau durante o período de transição, no meio de uma intensa controvérsia sobre a livre prática profissional, sujeita a tensões, pressões, censura e dinâmicas que revelam um enredo complexo entre o poder político e os meios de comunicação social.

A história do jornalismo português no mundo é, portanto, um extenso âmbito de estudo em que é necessário abrir novas linhas de investigação interdisciplinar que nos permitam

saber cómo, através deste discurso jornalístico deslocalizado de expressão portuguesa, se configurou uma esfera mediática externa com evidente influência não só na projecção internacional da cultura lusófona ou na visibilização e superviência das próprias comunidades portuguesas transfronteiriças, mas também na própria evolução política, social e cultural do país a través de um imaginário simbólico que cria uma ponte narrativa que une Portugal com o resto do mundo.

Alberto Pena-Rodríguez
Universidade de Vigo
/ CEIS20-Universidade de Coimbra
alberto@uvigo.es
ORCID ID: [0000-0001-8667-6287](https://orcid.org/0000-0001-8667-6287)

António Hohlfeldt
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
/ Escola de Comunicação, Artes e Design
a_hohlfeldt@yahoo.com.br
ORCID ID: [0000-0001-5284-8730](https://orcid.org/0000-0001-5284-8730)

DOI: <https://doi.org/10.34619/ujrx-dbx9>